

Delma Pessanha Neves  
Leonilde Servolo Medeiros  
(Organizadoras)

# MULHERES CAMPONESAS

trabalho produtivo e engajamentos políticos



Delma Pessanha Neves  
Leonilde Servolo Medeiros  
(Organizadoras)

**MULHERES CAMPONESAS**  
trabalho produtivo e engajamentos políticos

Delma Pessanha Neves  
Leonilde Servolo de Medeiros  
(Organizadoras)

# **MULHERES CAMPONESAS**

**trabalho produtivo e engajamentos políticos**

Niterói, 2013

© 2013 by Delma Pessanha Neves e Leonilde Servolo de Medeiros (organizadoras)

Direitos desta edição reservados às Organizadoras.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra desde que citada a fonte.

Normalização: Maria Lúcia Gonçalves

Edição de texto e revisão: Rita Godoy

Capa: Marcos Antonio de Jesus

Supervisão gráfica: Marcos Antonio de Jesus

Diagramação: Maria José da Costa e Marcos Antonio de Jesus

Impressão: Gráfica e Editora Qualidade

---

#### Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

---

M956 Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos /  
Delma Pessanha Neves, Leonilde Servolo de Medeiros (Organizadoras).  
– Niterói : Alternativa, 2013.  
431 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-63749-07-9

1. Mulheres do Campo – Brasil. 2. Mulheres – Sociologia. I. Neves, Delma Pessanha. II. Medeiros, Leonilde Servolo.

CDD 305.480981

---

#### ***Coordenação geral:***

**Delma Pessanha Neves** – Doutora em Antropologia pelo PPGAS/MN/UFRJ, professora permanente do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

**Leonilde Servolo de Medeiros** – Professora do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro CPDA/UFRRJ.

#### ***Comitê editorial:***

**Delma Pessanha Neves** – PPGA/UFF

**Leonilde Servolo de Medeiros** – CPDA/UFRRJ

**Maria Angélica Motta-Maués** – Doutora em Sociologia pelo IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro). Professora Aposentada da UFPA (Universidade Federal do Pará). Professora Permanente do PPGCS (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) da UFPA (Universidade Federal do Pará)

**Maria Emília Pacheco** – Antropóloga, gestora do Programa Direito à Segurança alimentar, Agroecologia e Economia solidária da FASE – Federação de órgãos para a Assistência Social e Educacional.

**Maria Ignez Paulilo** – Doutora em Antropologia pelo PPGAS/MN/UFRJ. Professora do PPGSP/SPO/CFH/UFSC - Programa de Pós-graduação em Sociologia Política/Depto de Sociologia e Ciência Política/ Centro de Ciências Humanas/ Universidade Federal de Santa Catarina

#### ***Auxiliares de pesquisa:***

**Priscila Tavares dos Santos** – Doutoranda no PPGA/UFF

**Rodrigo Pennutt da Cruz** – Mestrando no PPGA /UFF

## PRÁTICAS ALIMENTARES ENTRE CAMPONESES: EXPRESSÃO DE RELAÇÕES FAMILIARES E DE GÊNERO

*Josiane Carine Wedig\**  
*Renata Menasche\*\**

Neste artigo, buscamos identificar, a partir do olhar sobre as concepções que orientam a produção e o consumo da comida, transformações nas relações sociais vividas por camponeses. Nossa atenção estará centrada nas classificações e hierarquizações que agricultoras e agricultores elaboram; e não apenas quanto à comida que produzem e consomem. Mas, concomitantemente, em relação àquelas classificações que operam sobre si mesmos, sobre os membros da família e da comunidade rural, conferindo particular ênfase às mediações referidas às relações de gênero.<sup>1</sup>

A comida, tal como aqui a abordamos, é compreendida para além de sua materialidade e dimensão fisiológica, sendo assim entendida como “boa para pensar”, uma vez que a partir dela podem ser reconhecidas dimensões da vida social conformadoras dos sentidos que referenciam modos de viver. Entendemos, dessa forma, a comida como elemento que “fala” sobre família, homens e mulheres.

A realização dessa pesquisa ocorreu em uma comunidade rural no Rio Grande do Sul, na região do Vale do Taquari, a partir de convivência cotidiana com famílias rurais que lá residem. Acompanhamos as famílias em suas casas, na horta, no quintal, na roça, no trato com os animais, nos rituais de *carnear*, nos cultos, nas festas da comunidade, reuniões de clube de mães, jogos, atividades da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (Oase),<sup>2</sup> entre outros. Nesses espaços, conversamos com agricultoras e agricultores e registramos aspectos de seu cotidiano, em diário de campo e fotografias.

---

\* Licenciada e bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

\*\* Doutora em Antropologia Social. Professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), vinculada ao bacharelado em Antropologia e ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais; professora do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PGDR/UFRGS).

1 Cabe ressaltar que a dimensão de gênero, como categoria analítica, é aqui apreendida a partir do trabalho referencial de Scott (1995), que salientou a construção social das diferenças entre os sexos.

2 É um grupo de mulheres ligadas à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, que se reúne para estudos bíblicos, assistência a doentes da comunidade e interação com grupos de mulheres de outras localidades.

## Da pesquisa de campo

Para a construção desta pesquisa, fez-se uso do método etnográfico. Segundo Fonseca (2004), esse método é fundado na procura de alteridades, ou seja, na busca de outras maneiras de ver, ser e estar no mundo. Nesse tipo de pesquisa, o investigador procura entender o que está sendo dito por seus interlocutores, buscando apreender os significados das relações sociais. A autora assinala ainda que, na pesquisa etnográfica, são observadas as múltiplas linguagens presentes na situação de estudo, as práticas sociais e os princípios informais que referenciam a vida cotidiana, inscritos no fluxo de comportamentos. Para tanto, consideramos fundamental levar em conta uma diversidade de expressões para a compreensão de universos culturais: trabalho, alimentação, organização das casas, festas, religiosidade, entre outras.

Seguimos nossa investigação valorizando a observação participante, o registro do que foi verificado em diário de campo, a entrevista aberta, o contato direto e pessoal com os habitantes da comunidade analiticamente considerada. Acompanhamos as atividades diárias na roça, no quintal e em casa, as práticas alimentares, os rituais festivos e religiosos, as reuniões, entre tantas outras atividades. Cabe salientar que a pesquisa se realiza “no lugar e não sobre o lugar”.

Como ensinou Geertz (1989), o *locus* do estudo não é o estudo. Tendo em conta que estudamos um tema e não um lugar, ainda assim apresentamos uma breve descrição da região e da localidade em que a pesquisa foi realizada. Acreditamos ser importante essa contextualização, especialmente se, tal qual Fonseca (2004), percebemos a importância do lugar de residência para a organização social, em particular no que se refere às redes de vizinhança e parentesco. Desse modo, o exercício de caracterização do local é indispensável para conhecer algumas das especificidades que o envolvem.

A comunidade de Fazenda Lohmann, na qual a pesquisa foi realizada, está situada no interior do município de Roca Sales, na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. É constituída por pequenas propriedades rurais, a maioria das quais não excede 15 hectares.

Os habitantes são predominantemente descendentes de alemães. Em conversas diárias, eles utilizam o dialeto alemão Hundsruck, informação que consideramos importante, na medida em que, tal como Gaviria e Menasche (2006), em estudo realizado na mesma região, corroboramos que a identidade étnica é ali constantemente evocada pela utilização de dialetos. Por eles são tecidos os assuntos cotidianos e a sociabilidade vicinal, expressando, desse modo, valores que perpassam as relações sociais; e evidenciam a associação entre esses elementos identitários e modos sociais de vida.

Adotamos, neste trabalho de pesquisa, os limites da comunidade apontados pelos próprios interlocutores, classificação que extrapola os limites

consignados pela municipalidade. Para os comunitários, são consideradas famílias-membro da comunidade aquelas que moram em localidades próximas, que se afiliam à igreja e que estão vinculadas às entidades coletivas reconhecidas na localidade.

O centro da vida comunitária organiza-se nas margens da estrada principal, que corre paralela ao rio Taquari: de um lado, vê-se a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), cujo sino anuncia o despertar do dia, o meio-dia, o anoitecer e os acontecimentos locais, como falecimento, casamento, passagem do ano e cultos. Ao lado da igreja, localiza-se o cemitério e uma casa comercial, com bar e cancha de bocha. Em frente a ela, situa-se o salão comunitário. Ao lado do salão, está a antiga escola comunitária.<sup>3</sup> Como demonstração dos princípios de organização entre os moradores reconhecidos como afiliados ao mesmo universo social e espacial, há também o coral comunitário, fundado em 1914. Há, ainda, as organizações comunitárias correspondentes à gestão da água e do telefone rural comunitário.<sup>4</sup> As formas de gestão do uso da água são referentes a dois poços que foram perfurados coletivamente e que fornecem água potável para todas as famílias da comunidade.

Durante a semana, caminhando pela localidade, podemos observar as atividades na lavoura, altamente mecanizadas, com tratores, ceifadeiras, colheitadeiras. Vemos homens e mulheres *tratando* frangos e suínos, respectivamente nos aviários, chiqueiros,<sup>5</sup> cortando capim no pasto, *tirando* leite,<sup>6</sup> trabalhando na horta.

O trabalho na roça é, em boa medida, realizado a partir de máquinas agrícolas, que os agricultores familiares dali comumente possuem. Os que não têm máquinas recorrem à “ajuda” de vizinhos ou de algum conhecido, especialmente para a realização do trabalho nos cultivos comerciais (soja e milho).

Explicitadas brevemente as condições situacionais para a realização da pesquisa e as características da área e da população estudadas, nos deteremos, a seguir, sobre os elementos de classificação e hierarquização das relações de gênero. Eles serão concebidos em associação às classificações alimentares e também às outras dimensões da vida cotidiana das famílias rurais consideradas nesta pesquisa, que se exprimem em momentos excepcionais, dedicados aos rituais.

3 A escola era mantida pela comunidade: os pais pagavam o salário do professor e mantinham a estrutura. Essa escola foi desativada e hoje um ônibus escolar leva as crianças a escolas da cidade de Roca Sales.

4 O telefone rural comunitário tem uma central telefônica, que recebe as ligações eletronicamente, as registra e repassa para os ramais instalados na localidade.

5 São muitos os aviários e chiqueiros presentes na localidade, estabelecidos em sistema de integração com grandes agroindústrias.

6 Há a produção de leite para consumo doméstico e a destinada às indústrias de laticínios, nesse caso, valendo-se de instrumentos mecanizados.

## Trabalho e hierarquia

A hierarquia, tal como aqui a compreendemos, é baseada na proposta de Dumont (1997), ao afirmar que a organização das mais diversas sociedades está permeada por classificações, envolvendo hierarquizações – referentes a tempo, espaço, homens e mulheres. As classificações indicativas das hierarquizações, por sua vez, não se confundem com autoridade e poder, ainda que possam, em determinados casos, estar relacionadas a esses princípios de ordenação social. Para o autor citado, as classificações e hierarquias a elas correspondentes estão intimamente associadas à oposição, distinção, valoração, identidade e gradação.

No percurso analítico aqui desenvolvido, procederemos, de início, à reflexão sobre as classificações relacionadas ao *trabalho*, para, na sequência, perpassarmos as classificações sobre espaços e, depois, nos debruçarmos mais especificamente sobre aquelas relacionadas à *comida*.

Como apontaram alguns estudos relativos ao campesinato, muitos deles consagrados na literatura brasileira, as classificações sobre pessoas podem ser elaboradas a partir das relações por elas estabelecidas no mundo do trabalho. Mencionamos aqui, entre outros, os estudos realizados por Heredia; Garcia; Garcia Junior (1984), Paulilo (1987), Woortmann e Woortmann (1997) e Brumer (2004), que, ao observarem a organização do trabalho em famílias camponesas, concluíram que há diferenças de gênero e geração, posto que homens e mulheres se ocupam de atividades diferenciadas, umas mais valorizadas que outras, ocorrendo, assim, uma hierarquização do desempenho no trabalho, associada a uma hierarquização entre pessoas. Esses elementos foram também notados no contexto de pesquisa aqui abordado.

Os estudos citados sobre a divisão sexual do trabalho, na agricultura, apontam que as mulheres têm ocupado uma posição de subordinação à autoridade centralizada do marido, razão pela qual seu trabalho é (em muitos casos) definido como *ajuda*, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens e mesmo que realizem as mesmas atividades (BRUMER, 2004).

Por essa divisão sexual das atividades, a responsabilidade pelo trabalho considerado produtivo (produção destinada à comercialização) é usualmente incumbência masculina, enquanto o trabalho reprodutivo (cuidado com as crianças, com a casa, preparação da comida) é considerado de responsabilidade das mulheres. Sendo menos reconhecido, o trabalho feminino permanece marcado por certa invisibilidade (BRUMER; PAULILO, 2004).

Em Fazenda Lohmann, tal como apontado pelas autoras anteriormente citadas, é comum que as mulheres acompanhem cotidianamente seus maridos na roça. No entanto, mesmo quando realizam as mesmas tarefas que os homens no roçado, o trabalho delas é entendido como *ajuda*, já que o domínio da roça, em termos de classificação, é espaço masculino. Ainda que as mulheres, bem como os filhos, realizem o mesmo trabalho que os homens no espaço do roçado,

dados os significados que definem a hierarquia familiar, eles apenas *ajudam*, visto que quem *trabalha* é o pai.

Entre os camponeses, são elaboradas classificações que opõem as concepções de trabalho *pesado* e trabalho *leve*. Nesse sentido, tem-se como particularmente esclarecedor o estudo de Paulilo (1987), que mostra ser o trabalho considerado leve ou pesado, dependendo de quem o realiza, ou seja, as diferentes atividades são valoradas a partir da classificação hierárquica dos membros da família que as executam. A autora observou que capinar é considerado trabalho *leve* em contexto de pesquisa em Santa Catarina, razão pela qual é feita por mulheres agricultoras. Já em contexto rural da Paraíba, a mesma atividade, realizada por homens, é considerada trabalho *pesado*. Assim é que, entre os agricultores estudados por Paulilo, são classificadas como *leves* as tarefas executadas por mulheres, enquanto são consideradas *pesadas* aquelas desempenhadas por homens.

Nesse sentido, tendo presente haver uma série de hierarquizações que se manifestam a partir da divisão do trabalho entre homens e mulheres, buscaremos, em seguida, analisar como eles se expressam a partir das classificações de espaços e pessoas.

## Espaços e classificações

Tal qual em estudos realizados anteriormente em diferentes contextos camponeses brasileiros, a exemplo dos trabalhos de Heredia; Garcia; Garcia Junior (1984) e Moura (1978), na pesquisa realizada em Fazenda Lohmann identificamos classificações que associam espaços a pessoas, mais especificamente referentes a relações sociais de gênero.

No contexto da pesquisa aqui apresentada, a cozinha (*dentro*) é um espaço fundamentalmente da mulher e, de forma mais precisa, da mãe de família, que o coordena com o auxílio das filhas. Já a roça, a lavoura, os aviários e chiqueiros (*fora*) são de domínio masculino.

A casa – e, no interior dela, a cozinha – é identificada como espaço de domínio feminino, sendo a preparação da comida sempre de responsabilidade da mãe de família. As mulheres, além do trabalho em casa e na roça, tratam dos animais no quintal, tiram leite, cultivam a horta.

As crianças, desde cedo, são socializadas nesses espaços de trabalho, de acordo com o sexo. Os filhos, no processo de aprendizado do modelo de masculinidade, acompanham o pai em suas atividades, tanto nas que se desenvolvem na roça e na lida com os animais, como naquelas realizadas no espaço externo à propriedade, como a comercialização dos produtos agrícolas. Por outro lado, as filhas aprendem, desde cedo, as lidas domésticas.

Woortmann e Woortmann (1997), em pesquisa dedicada a analisar o trabalho e a vida de sítiantes sergipanos, observaram que *fora* é espaço do homem,

que produz os alimentos para *fora*, para o mercado. Já as mulheres trazem os alimentos de *fora* para *dentro*, ou seja, do domínio do roçado para a casa, onde serão transformados em comida.

Sobre a oposição *dentro-fora*, associada respectivamente a mulheres-homens, cabe considerar, em referência a nosso contexto de pesquisa, aquilo que Fonseca (2004) afirmou em estudo realizado junto a grupos populares de Porto Alegre. A autora sugere que essa oposição deve ser utilizada com cautela, já que ambos os espaços são povoados pelos dois sexos. Ainda assim, Fonseca (2004) indica não deixar de ocorrer uma associação desses espaços às definições relacionais de gênero, de modo a definir socialmente os lugares.

No contexto dessa pesquisa, a oposição do espaço relacionada às relações de gênero, observada no contexto familiar, é também identificada no espaço coletivo, isto é, no universo de relações concebido como comunidade. No que se refere aos espaços de lazer, os bares/armazéns, as canchas de bocha e os jogos de futebol são classificados como espaços masculinos, constituindo-se no terreno privilegiado do lazer masculino. As mulheres, em seus momentos de lazer, dedicam-se à visita e/ou fazer artesanato (crochê, bordado, tricô). Elas fazem parte também do grupo Oase e do Clube de Mães e, a partir desses, frequentam atividades festivas de grupos de outras localidades.

No entanto, com relação às mulheres mais jovens, observa-se que, atualmente e cada vez mais, elas vêm deixando de participar das atividades de lazer caracterizadas como femininas, passando a realizar outras, usualmente classificadas como masculinas, como frequentar bares e organizar times de futebol feminino – isso em centros urbanos, local em que “essa liberdade”, como contam, é mais permitida.

Assim, também a partir das classificações que relacionam pessoas e espaços, podemos notar como operam os princípios de produção de hierarquias entre homens e mulheres no caso aqui considerado.

## **A dimensão simbólica da comida: refeições cotidianas e em finais de semana**

Dedicamo-nos, na sequência, a descrever algumas classificações e hierarquizações associadas à comida, que não apenas perpassam a sociabilidade das famílias camponesas pesquisadas (tema amplamente considerado em estudos da antropologia da alimentação), como também demonstram que as práticas alimentares comportam, além de seu caráter indispensável para a sobrevivência humana, a dimensão do imaginário, do prestígio e da diferenciação social.

Cabe ressaltar que estudos sobre a alimentação nas diversas sociedades humanas – dentre esses os estudos antropológicos, a partir dos quais foram destacadas especificidades que caracterizam diferentes sociedades e grupos – têm uma longa trajetória. Esses estudos referem-se também à história da cir-

culação da comida entre os países, à sua utilização em sacrifícios e rituais, aos utensílios utilizados para prepará-la e consumi-la, entre outros.<sup>7</sup>

Comer pode parecer, num primeiro olhar, uma atividade banal da vida cotidiana, que atende tão somente às necessidades fisiológicas de recomposição de energias do corpo. Porém, se observarmos de maneira mais atenta, notaremos que a comida se apresenta como parte fundamental da cultura de cada sociedade, pois através dela expressam-se identidades sociais. Como assinala Fischler (1979), o homem é um onívoro que se alimenta tanto de animais como de vegetais, mas que, igualmente, se alimenta de imaginário – o que confere à comida uma dimensão cultural.

Cada sociedade elege, dentro de um conjunto de possibilidades de alimentos comestíveis, aquilo que fará parte de sua alimentação, como destacado por Da Matta (1987). Ele afirma que, em toda parte, as pessoas têm de comer, mas cada sociedade define, a seu modo, o que é comida. As escolhas alimentares expressam características e diferenciações culturais entre os grupos e entre seus membros. As diferentes culturas elaboram classificações relativas à comida cotidiana, de finais de semana e de festa, às formas como a comida deve ser consumida, sobre quem deve estar presente à refeição, quem deve comer que tipos de comida, expressando, desse modo, que o comer, em cada sociedade, é carregado de significados que referenciam classificações e hierarquizações.

As classificações alimentares, operadas em diferentes sociedades, evidenciam, como apontado por K. Woortmann (1985), que entre uma variedade de alimentos possíveis são realizadas escolhas segundo cada tipo de pessoa, em cada estágio da vida, e, por meio delas, podem revelar-se diferenças de gênero e geração.

Por meio da comida, mostram-se especificidades e diferenciações culturais, que podem ser notadas a partir do estranhamento que causam hábitos alimentares de diferentes sociedades. Como afirma Mintz (2001), o comportamento relativo à comida revela a cultura em que cada um está constituído. Os hábitos alimentares de cada grupo fazem parte de sua bagagem cultural – são apreendidos desde criança – e, mesmo quando são posteriormente transformados, permanecem na memória alimentar.

Lévi-Strauss (1979) mostrou que a cozinha constitui uma atividade humana universal, dado que em todas as sociedades há cozimento de alguns alimentos. Os hábitos alimentares, segundo esse autor, nos permitem conhecer uma sociedade, podendo a comida ser entendida como uma linguagem na qual se traduz sua estrutura: a partir da comida, podem-se reconhecer elementos de natureza social, econômica ou religiosa de cada grupo, além das diferenciações entre homens e mulheres, família e comunidade, economia e prodigalidade, sagrado e profano.

<sup>7</sup> Para um panorama do tema no campo das Ciências Sociais, indicamos o clássico artigo de Mintz (2001), bem como o capítulo introdutório do livro de Goody (1995) e, ainda, mais recente e a partir do ponto de vista da Sociologia, um artigo de Díaz Méndez e Gómez Benito (2005). Vale ainda consulta à tese de Dutra (2007).

Para as famílias consideradas em nossa pesquisa, a comida é elemento central, já que o trabalho realizado para a obtenção do alimento – tanto aquele *pro gasto* como aquele a ser comercializado – ocupa grande parte de seu tempo, pois organizam o cotidiano a partir de um ritmo orientado, em grande medida, pela agricultura e pelos processos de preparação da comida.

Inspiramo-nos em estudos como o de K. Woortmann (1985), que mostra se caracterizar a refeição não apenas como ato de comer, mas igualmente como ato ritual, que reproduz de forma simbólica a hierarquia da família: a cada refeição, a família tanto alimenta seus corpos, como reproduz suas representações. Entende-se, tal qual afirma o autor citado, que a comida “fala” da família, do corpo e das relações sociais. Do mesmo modo, mas em outro contexto de pesquisa, Counihan (2004, p. 1) observou que as narrativas culinárias consistem em expressão significativa da cultura, da história, da identidade, da família e das relações de gênero de cada povo: “a divisão do trabalho em torno da comida expressa papéis e relações de gênero”.

No contexto de nossa pesquisa, o dia dos agricultores começa com o churrasco, seguido do café da manhã. Encaminham-se, então, homens e mulheres, para tratar os animais (bois, porcos e galinhas) e ordenhar as vacas, no estábulo. Na maioria das famílias, as mulheres ficam responsáveis pelo trato e ordenha das vacas, e os homens pelo trato dos outros animais. Após essas primeiras atividades do dia, dirigem-se para realizar o trabalho nos aviários e chiqueiros (produção integrada) e/ou na roça. Cabe mencionar que, mesmo que famílias não realizem alguma dessas atividades, o horário entre o café da manhã e o almoço é o tempo de trabalho *fora* de casa, para homens e mulheres que se dedicam às atividades desenvolvidas no quintal, no potreiro, nos aviários, nos chiqueiros e na roça.

Próximo ao meio-dia, as mulheres (principalmente a mãe de família) encaminham-se para casa, com o propósito de preparar o almoço. Os homens, nesse período, ocupam-se dos animais.

Ao anoitecer, os agricultores, homens e mulheres, retornam da roça e, antes de entrar em casa, dedicam-se à ordenha das vacas e ao trato dos animais. Já em casa, as mulheres preparam a janta e, após o jantar, realizam atividades como lavar ou reparar alguma roupa, limpar a casa, encaminhar o almoço do dia seguinte, entre outros afazeres domésticos, o que caracteriza uma situação de dupla jornada de trabalho. Os homens, eventualmente, auxiliam-nas em alguma dessas tarefas.

Entre os agricultores da Fazenda Lohmann, apenas o almoço é percebido como refeição, em que se come o que denominam *comida* (*Essen*). A carne, o feijão e o arroz constituem a comida por excelência, *o que nunca deve faltar*. O almoço é a refeição caracterizada como *forte*. Isso se deve, possivelmente, ao fato de esta encontrar-se entre dois períodos de trabalho e ser necessária para repor as energias gastas nas atividades agrícolas. Já as refeições da manhã e da noite, os agricultores denominam-nas *café* (*Kaffee*), salientando que *comida* é consumida apenas no almoço.

Podemos perceber uma relação entre comida e trabalho, já que o café da manhã e o jantar são considerados como de menor importância: o primeiro por ser precedido de um período de sono/descanso, e o segundo porque seguido pelo período de sono/descanso, de não trabalho. Observa-se que o almoço ocupa lugar central não só na hierarquia das refeições, como também na composição da hierarquia dos alimentos, já que os alimentos considerados mais importantes são aqueles consumidos durante o almoço (WOORTMANN, 1985).

O almoço de domingo, para essas famílias rurais, é a refeição ritual por excelência. O domingo é considerado dia de não trabalhar, de descansar, de inverter o cotidiano, de ir ao culto, de receber e visitar amigos e parentes. Esse é o dia de preparar o churrasco, de comer – principalmente – carne.

O churrasco é o prato mais valorizado: além de ser servido no domingo, acompanha também as ocasiões festivas. No domingo, excepcionalmente, quem prepara a refeição (assa a carne) é o pai. As mulheres preparam as saladas e o pão, que acompanham aquele prato principal. Assim, podemos compreender que, entre o prato principal, preparado pelo homem, e os acompanhamentos, preparados pela mulher, exprime-se, nesse contexto específico, a hierarquia das formas de participação entre o pai e a mãe.

A carne é considerada a comida mais *forte* e, nesse sentido, está relacionada ao pai, também considerado o membro *forte* da família. Temos, assim, uma hierarquia conjugada entre comida (carne), pessoa (pai) e tempo (domingo).

Excetuando-se a de domingo, são sempre as mulheres que preparam as refeições. Elas comentam que continuam a cozinhar da mesma forma que suas mães faziam, apontando para saberes repassados através de gerações. Algumas têm cadernos de receitas elaborados em língua alemã pelas avós (quando essas ainda não falavam português), os quais, em suas páginas amareladas pelo tempo, apontam um mundo de saberes e práticas alimentares que acompanharam esse grupo de agricultores. Muitas das receitas foram sendo transmitidas, entre as sucessivas gerações de mulheres, também pela tradição oral, evidenciando que cozinhar é, entre elas, uma atividade historicamente feminina.

Nas casas de Fazenda Lohmann, podem-se observar, lado a lado, alimentos colhidos e produzidos na roça e no quintal, os preparados em casa e aqueles industrializados.

Os alimentos comprados são classificados pelos agricultores como *miudezas* (*Kleinigkeiten*), conforme constatado durante as visitas: *no mercado, compramos apenas as Kleinigkeiten* – entendidas aqui como coisas de menor importância. Essa classificação de *miudezas* é salientada mesmo quando os alimentos comprados são consumidos em maior quantidade do que aqueles produzidos. Essa expressão pode ser entendida como uma maneira de opor a comida produzida na roça ou no quintal pela família – mais valorizada, como questão de honra familiar – àquilo que é de *fora*, adquirido no mercado.

Segundo comentam os interlocutores, há alguns anos, principalmente até o final da década de 1990, os alimentos comprados (industrializados) eram bem poucos. Posteriormente, passaram a ser adquiridos em maior quantidade, sendo portadores de grande prestígio e, por isso, ofertados em ocasiões especiais, em que visitas eram recebidas ou quando da realização de festas, o que traduzia a honra da família que podia oferecê-los. Atualmente, os alimentos industrializados estão cada vez mais acessíveis e difundidos, passando a fazer parte do consumo cotidiano das famílias.

Nos últimos anos, tem-se observado uma revalorização de elementos associados ao rural, bem como da comida que a ele remete, a qual se expressa na busca de pessoas do meio urbano por alimentos da roça – podem-se observar, na localidade, pessoas da cidade que vêm comprar produtos diretamente dos agricultores –, bem como pela própria valorização dos agricultores de seus alimentos, reconhecidos por eles como mais saudáveis e melhores. A disseminação de eletrodomésticos, difundidos rapidamente no meio rural, também criou adaptações nas formas de preparo da comida. Os utensílios “modernos” de cozinha são os identificados pelos agricultores como mais práticos, mais rápidos, enquanto os “tradicionais” são classificados como aqueles em que a *comida fica melhor*. Destarte, encontramos esses artefatos lado a lado, sendo usados de acordo com o tempo disponível, a ocasião e a comida a ser preparada.

Podemos apreender que, na conformação das refeições cotidianas e de finais de semana, está presente certa divisão hierárquica organizada segundo modos de constituição de relações de gênero, em que se associam hierarquias de tempo, comida e pessoa. A partir das refeições desses agricultores, é possível observar também dimensões da modernização da agricultura que ali se processou.

### **Plantar, colher, criar e *carnear***

Plantar, colher, criar e *carnear* são atividades por meio das quais se pode observar a forma como homens e mulheres, reconhecidos como especificamente responsáveis por ocupações diferenciadas, desempenham seu trabalho.

A horta e o quintal são espaços de cultivo do qual ficam encarregadas as mulheres. É ali que, em geral, elas plantam a maior parte dos alimentos utilizados na cozinha e que são para o *gasto*. Esse espaço é completado com um *Eckchen* (cantinho) da roça, onde se produz feijão, cana-de-açúcar, aipim, batata-doce e amendoim para o consumo familiar.

Já as lavouras comerciais estão, na maior parte dos casos, sob responsabilidade do pai de família – apenas em casos raros, quando não há homens na família, a mulher pode vir a assumir esses compromissos.

Desse modo, pudemos observar que – conforme alguns estudos já destacaram anteriormente – o trabalho das mulheres é mais voltado para atender

ao autoconsumo da família. Zanetti e Menasche (2007), em pesquisa realizada no Vale do Taquari entre famílias rurais descendentes de imigrantes italianos, observaram que as mulheres se dedicam muito mais à produção destinada ao consumo familiar, comumente menos valorizada – no que diz respeito ao investimento de tempo e recursos –, do que a destinada à comercialização, em que se emprega outra tecnologia, a qual geralmente se desenvolve sob responsabilidade dos homens. As autoras apontam que os alimentos produzidos a partir do trabalho feminino, para autoconsumo da família, são considerados *miudezas*. Já os alimentos valorizados comercialmente costumam ser produzidos pelos homens, indicando, assim, que a hierarquia dos alimentos, bem como a dos espaços em que é realizada sua produção, tem correspondência na hierarquia no interior da família.

Outro exemplo dessa hierarquização de pessoas e alimentos presente nas práticas agrícolas das famílias rurais é o *carnear*. O *carnear* é uma atividade comum entre os agricultores de Fazenda Lohmann. Ocorre duas ou três vezes por ano em cada família e, nessas ocasiões, são comumente abatidos um porco e um boi. Esse ritual, além de propiciar alimentos para o sustento da família, nutre também as relações sociais.<sup>8</sup>

Vale notar que, atualmente, mesmo adquirindo em supermercados boa parte dos alimentos consumidos, os agricultores dali não deixam de realizar essa atividade. Compreende-se que, em razão de se configurar como o alimento mais valorizado nas refeições, a carne expressa a honra e o prestígio da família que a tem em abundância.

No ritual do *carnear*, observa-se a divisão do trabalho segundo princípios de diferenciação por gênero. As mulheres não podem participar do primeiro momento em que o boi ou porco é morto, pois, pelo que dizem os agricultores, *não se pode sentir pena do boi* (para evitar que o animal sofra), e as mulheres, nesse contexto, são percebidas como essencialmente emotivas e afetivas, em oposição aos homens, que seriam mais racionais.

Existem, ainda, outros impedimentos com relação à atuação das mulheres<sup>9</sup> no ato de *carnear*. Por exemplo: quando estão *menstruadas*, elas não podem participar da produção do salame, pois, caso o façam, este pode estragar-se.

No dia de *carnear*, juntam-se, num primeiro momento, os homens, aos quais cabe capturar o boi, prendê-lo e matá-lo. É apenas quando são removidas as vísceras que se inicia o trabalho das mulheres. As vísceras são despejadas em um tacho de cobre e levadas para um local ao lado do estábulo, onde as mulheres passam a realizar a separação daquelas partes que serão utilizadas para a alimentação.

8 *Carnear* refere-se, entre os agricultores, ao abate de animais, principalmente boi ou porco. Esse ritual envolve a reunião de vizinhos e parentes, que auxiliam na atividade. Essa ajuda é retribuída com o oferecimento de carnes e derivados preparados e também com a participação no ritual quando o vizinho *carneia*.

9 Existe uma série de regras que se multiplicam entre os camponeses, prescrevendo comportamentos com respeito à menstruação, nascimento e morte, que mereceriam em si um estudo aprofundado.

As mulheres ocupam-se das vísceras (denominadas pelos agricultores como *miudezas*),<sup>10</sup> alimento menos valorizado, enquanto os homens se dedicam à tarefa de partir a carne do boi. Se atentarmos para essa divisão, teremos novamente presente, também nesta atividade, a hierarquia relacionada à comida e às pessoas.

Do mesmo modo que observado por Nogueira (2004), em estudo realizado em Portugal sobre o ritual de matança do porco, pudemos observar, por ocasião do abate do boi em Fazenda Lohmann, que a atividade é fracionada em momentos particularmente femininos ou masculinos e, além disso, mantém-se à parte das tarefas que cabem a uns ou a outros.

Existem também rituais de caça, dos quais apenas os homens participam. Nessa atividade, configura-se a classificação que concebe que o espaço da mulher é o espaço de *dentro*, em oposição ao espaço de *fora*, considerado masculino. A caçada, que envolve o *fora*, o enfrentamento do desconhecido, da mata, é apenas permitida aos homens.

A pesca também é realizada apenas por homens, podendo-se estender a ela as mesmas relações estabelecidas para a caça, referentes à classificação do *fora e dentro*.

Esses diferentes momentos do *carnear* envolvem, assim, uma série de classificações e observância de divisão de competências e atribuições entre homens e mulheres.

### **Comida forte e comida fraca**

Um dos tipos de classificação dos alimentos presentes em diversas sociedades é aquele ligado à oposição entre comida *forte* e *fraca*. Nesse sentido, como aponta K. Woortmann (1985), a categoria forte é entendida como aquela adequada para as pessoas saudias e não adequada para os doentes. Uma pessoa sadia deve comer comida *forte* para continuar sadia, para ter resistência no trabalho. A comida *forte* não é adequada para todos e, em alguns momentos, ela pode inclusive fazer mal. Para os velhos e doentes, a comida mais *fraca* é adequada. Já as mulheres e crianças, por mais que possam se alimentar da comida *forte*, não necessitam tanto dela como os homens adultos. Desse modo, observa-se uma relação entre a comida e a concepção diferenciada entre organismos de homens e mulheres, adultos, crianças e velhos.

No estudo realizado por Woortmann e Woortmann (1997) entre sítiantes sergipanos, esses autores observaram que o homem é identificado pelo trabalho *pesado*, que é por ele realizado por ser *forte*, razão pela qual se estabelece a classificação de alimentos: sendo *forte*, o homem necessita de comida *forte*, *comida de trabalho*.

<sup>10</sup> Note-se que a expressão é empregada para diferentes itens, mas sempre denotando desvalorização.

Essa classificação entre comida *forte* e *fraca* foi também identificada no trabalho de Brandão (1981) sobre lavradores de Mossâmedes (Goiás), que consideravam comida *forte* aquela que tem *sustança*, ou seja, a que dá a sensação de saciedade. A comida é também classificada por eles segundo sua procedência: a comida da roça é colocada em oposição à da cidade, o que remete a um tempo de homens fortes, que viviam à época da fartura na roça – quando não havia penúria e não era necessário recorrer à aquisição de comida no comércio da cidade.

A oposição entre *comida* e *mistura* nas classificações alimentares foi assinalada por K. Woortmann (2006), salientando que aquilo que, entre seus interlocutores, é considerado *comida* vem do roçado, de domínio masculino, enquanto a *mistura* tem origem no quintal, de domínio feminino. Desse modo, são estabelecidas associações entre *forte* e *fraco*, *comida* e *mistura*, roçado e quintal, vinculadas às classificações de gênero.

Em nosso contexto de pesquisa, observamos que, do mesmo modo que são expressas classificações relacionadas à produção e preparação da comida, são também expressas hierarquizações sobre o comer e a comida em si. Emprega-se a categoria *forte* para remeter à comida que tem origem na roça e no potreiro, ambos de domínio masculino. Por outro lado, adotam-se as expressões *mistura* e *miudezas* (*Kleinigkeiten*) para designar o que vem do quintal, da horta, de domínio feminino. K. Woortmann chama atenção para essa hierarquia de alimentos e pessoas:

Se atentarmos para a hierarquia dos alimentos, onde a comida ocupa a posição superior e a mistura a inferior, teremos posta no prato a hierarquia entre os domínios do pai e da mãe e, ao mesmo tempo, a relação entre trabalho e não trabalho. (WOORTMANN, 1985, p. 11)

A comida é, em geral, classificada de acordo com o trabalho, sendo o pai de família entendido como aquele que trabalha no *pesado*, em oposição à mulher, mãe de família, e aos filhos. Na fala dos camponeses, ouvimos sempre que os homens comem mais, pois trabalham mais no *pesado*.

São ainda indicadas, pelas famílias ouvidas na pesquisa, outras diferenças nas escolhas alimentares de homens e mulheres: elas são identificadas por sua preferência *natural* por doces (ao mesmo tempo, são simbolicamente associadas ao temperamento dócil). Os homens, segundo contam, não gostam de doces e preferem as comidas salgadas e fortes: “Eu acho que os homens comem comida mais forte que as mulheres [...] Eles comem mais carne, gostam mais do feijão e as mulheres não gostam tanto disso” (Ernita, 80 anos).

Aqui podemos remarcar como essas relações remetem a hierarquias do trabalho e da comida, relacionadas à hierarquia constitutiva das relações de gênero.

## Mudanças nas práticas e classificações alimentares

Neste estudo buscamos, a partir do olhar sobre a comida, entender as mudanças nas relações sociais, com base nas classificações e hierarquizações que os agricultores e as agricultoras elaboram e concebem não só quanto à comida que produzem e consomem, como também com relação às que operam sobre si mesmos.

Algumas mudanças vêm sendo identificadas nas práticas alimentares das famílias, principalmente no que se refere à presença cada vez maior de alimentos industrializados. No Vale do Taquari, isso se dá principalmente em razão de as unidades de produção se encontrarem cada vez mais voltadas à especialização, ou seja, dedicadas a aviários, chiqueiros e cultivo comercial de soja e milho. Também a renda proveniente das aposentadorias rurais passou a viabilizar o acesso a alimentos adquiridos sob forma mercantil.

Para as mulheres agricultoras, a aquisição de alimentos industrializados possibilitou redução do trabalho doméstico. Isso não quer dizer que não seja produzida ali uma diversidade de alimentos, mas sim que muitos dos alimentos que anteriormente eram produzidos na propriedade passaram a ser comprados (ainda que de vizinhos) (WEDIG; MENASCHE, 2008).

Observamos como a carne, principalmente a bovina, ocupa papel preponderante entre as famílias rurais, pois, sendo ela o alimento mais valorizado – associado, por ser o alimento mais *forte*, ao pai de família, também considerado o membro *forte* na hierarquia familiar –, não deixa de ser produzida mesmo quando outros itens já o deixaram, expressando a própria condição de agricultor, de quem, ao produzi-la, produz igualmente a honra da família.

Do mesmo modo que já dito em Menasche e Schmitz (2007, p. 9), pudemos identificar, neste estudo, que “se bem é verdade que, na agricultura e na alimentação, assim como nas demais dimensões do trabalho e da vida desses colonos, muita coisa tem se alterado, temos que, ao lado dos novos hábitos, convivem saberes e práticas herdados”.

Essas observações nos permitiram apreender mudanças que se operaram nas relações de gênero. No entanto, percebemos que mudanças em uma dimensão não representam necessariamente mudanças que se expressam nas demais. Se, de um lado, as mulheres têm conquistado direitos sociais, de outro, existem representações fortemente arraigadas no que diz respeito a classificações de hierarquias, em diversas dimensões da vida dos camponeses, que refletem as oposições fundamentadas nas concepções de gênero por eles partilhadas.

Assim, a partir do observado em nosso campo de pesquisa, talvez possamos sugerir estar em curso algo semelhante ao que Counihan (2004) apontou para o contexto que estudou, de famílias urbanas da região italiana da Toscana, em que ocorre, pública e formalmente, uma crescente equidade de direitos referentes a homens e mulheres, ao mesmo tempo em que as relações de subor-

dinação das mulheres continuam a ocorrer no interior das casas. E, podemos acrescentar, fenômeno que não constitui, muitas vezes, algo particular das famílias camponesas.

## Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o camponato goiano*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.
- BRUMER, Anita; PAULILO, Maria Ignez. As agricultoras no sul do Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 171-174, 2004.
- CASTRO, Josué de. *Fisiologia dos tabus*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nestlé, 1954.
- COUNIHAN, Carole. *Around the tuscan table: food, family and gender in twentieth century Florence*. New York: Routledge, 2004.
- DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987.
- DÍAZ MÉNDEZ, Cecilia; GÓMEZ BENITO, Cristóbal. Sociología y Alimentación. *Revista Internacional de Sociología*, Madrid, n. 40, p. 21-46, 2005.
- DUMONT, Louis. *Homo hierarquicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EdUSP, 1997.
- DUTRA, Rogéria Campos de Almeida. *Famílias e redes sociais: um estudo sobre as práticas e estilos alimentares no meio urbano*. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Programa de Pós-Graduação, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. 303 f.
- FISCHLER, Claude. Présentation. *Communications*, Paris, n. 31, p. 1-3, 1979.
- FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2. ed. Porto Alegre: EdUFRGS, 2004.
- GAVIRIA, Margarita Rosa; MENASCHE, Renata. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. *Estudo & Debate*, Lajeado, v. 13, n. 1, p. 69-82, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ltc, 1989.
- GOODY, Jack. *Cocina, cuisine y clase: estudio de sociologia comparada*. Barcelona: Gedisa, 1995.
- HEREDIA, Beatriz; GARCIA, Marie France; GARCIA JUNIOR, Afrânio. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, Neuma. *Mulheres na força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O triângulo culinário. In: SIMONIS, Yvan. *Introdução ao estruturalismo*: Claude Lévi-Strauss ou “a paixão do incesto”. Lisboa: Moraes, 1979.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura familiar à mesa*: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: EdUFRGS, 2007.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001.

MOURA, Margarida Maria. *Os herdeiros da terra*: parentesco e herança numa área rural. São Paulo: Hucitec, 1978.

NOGUEIRA, Sandra. Da Banca da matança aos enchidos: a festa e os rituais de transformação do porco em alimento. *Mneme: Revista Virtual de Humanidades*, Rio Grande do Norte, v. 5, n. 9, p. 1-35, 2004. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme/ed9/050.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2005.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, 1995.

WEDIG, Josiane Carine. *Agricultoras e agricultores à mesa*: um estudo sobre camponato e gênero a partir da antropologia da alimentação. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. 165 f.

WEDIG, Josiane C.; MENASCHE, Renata. *Comida e classificações*: homens e mulheres em famílias camponesas. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 57-74, 2008.

WOORTMAN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. *O trabalho da terra*: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: EdUnb, 1997.

WOORTMANN, Klaas. A comida, a família e a construção do gênero feminino. *Série Antropologia*, Brasília, n. 50, p. 1-43, 1985.

\_\_\_\_\_. O sentido simbólico das práticas alimentares. In: ARAÚJO, W. M. C.; TENSER, C. M. R. *Gastronomia*: cortes e recortes. Brasília: Senac, 2006.

ZANETTI, Cândida; MENASCHE, Renata. Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agricultoras e autoconsumo. In: MENASCHE, Renata (Org.). *A agricultura familiar à mesa*: saberes e práticas da alimentação no Vale do Taquari. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.